

COLLECCÃO 27  
DE 28  
ODES, SONETOS,  
E OUTRAS OBRAS ESCOLHIDAS  
FEITAS POR VARIOS CURIOSOS  
À FELIZ EXALTAÇÃO  
DA  
RAINHA NOSSA SENHORA  
DONA MARIA I.  
AO THRONO  
DA  
MONARQUIA PORTUGUEZA.



L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

---

*Acha-se de venda na loge de João Baptista Reyend e Companhia, Mercadores de Livros ao Calhariz na esquina da Bica grande. A dita Collecção he impressa à custa dos ditos Mercadores.*

COLLECÇÃO

DE

ODES, SONETOS,

E OUTRAS OBRAS ESCOLHIDAS

HEIAS DE VARIOS CURSOS

A FELIX REALTAÇÃO

DE

RAINHA D'OS REINHORA

DONA MARIA I.

A O THRONO

DE

MONARQUIA PORTUGUEZA



LISBOA

NA REGIA OFFICINA DE TIPOGRAPHIA

DE JOSE ALVES

1804

NA FELICÍSSIMA ACCLAMAÇÃO  
DA SENHORA  
DONA MARIA I.  
RAINHA DE PORTUGAL

P O D E  
Ode Saturno Anoso

Raza planície levantar em ferra;  
Mas o Padrão Glorioso,  
Que em honra da que rege a Lusã Terra  
Desde o Têjo levanto além do Gange,  
Embota o fio do torcido Alfange.

Tu, ó Sagrado Louro,  
Inclina os ramos teus, cinge-me a frente;  
Que ao seculo vindouro  
Voa meu Nome: já o Deos Potente,  
Que das Musas no Pindo guia o Coro,  
Attento escuta o écco meu sonoro.

Sábua Themis Celeste,  
De que bordadas, fulgorosas télas  
Teus castos hombros veste  
A Heroína, que canto? Quaes Estrellas,  
Te ornão a frente, luzes diamantinas,  
Antigo lustre das famosas Quinas.

Não

Não mais triste Amargura  
Do dia a luz verás na Elysia Terra;  
Que da Prizão escura  
A Mão, que d'entre Nós o mal desterra,  
Surgir te impedirá; e alli irada  
Com duros ferros generás curvada.

Tu, Divina Clemencia,  
Para longe de Nós transmontar fazes  
Com tua aurea influencia  
A ferrea crueldade. Vós, roazes  
Furias da Guerra, pelas mãos Sagradas  
Da doce Paz, fereis despedaçadas.

Fugi d'alta Ulyfsea,  
Torpès vicios, que a Rainha, que a defende  
De fogo, e d'ira chea,  
Armar-vos sanguinosa guerra emprehende.  
Mas eis vos vejo já em denso bando  
No Cocyto cahir féros bramando.

Em vão, ó Lusitanos,  
Se alçarás contra Nós a forte impia;  
Que seus golpes tyrannos  
Rebaterá o Braço de MARIA.  
Mas a terra, aurea Lyra, demandemos;  
Não tem limite o mar, porque corremos.

NA COROACÃO  
DA  
RAINHA FIDELÍSSIMA  
DONA MARIA  
NOSSA SENHORA.

---

---

O D E.

STROPH. I.

**C**Lara Euterpe, dos hymnos presidente,  
Do teu rico thesouro  
Tira a cithara d'ouro,  
Novas cordas lhe põe, tempera, affina,  
E a entoar contigo hoje me ensina  
Hum hymno tal, que seja  
Ao Tracio Orfeo de roedora inveja.

ANTISTROPH. I.

Aquelles, que cantaste em Hipocrene,  
De Helicon pura fonte,  
Do Pai de Faetonte  
Dignos erão; mas não o são do dia,  
Em que MARIA a GRANDE, AUGUSTA, PIA,  
\*  
Mais

Mais que Febo luzente,  
Alegra, e doura o tempo á Lusã gente.

EPOD. I.

Por tanto tu me dá, Mestra do Coro,  
Tom mais alto, e cânoro,  
E livremos do Lethes esquecido  
Dia com pedra branca esclarecido.

STR. II.

Como sahe formoso, e scintillante  
Cynthio do seu nascente!  
Porém não lhe consente  
Que brilhe de seus raios vaidoso  
Outro Delio melhor, e mais formoso,  
Que com luzes mais bellas  
Hoje sahe da casa das Estrellas.

ANTIST. II.

Hum no carro dourado vai fogosos  
Ethontes subjugando:  
Porém outro tomando  
Dos Lusos o governo, he como fosse  
De reger corações tomar a posse:  
Que Lusos governallos,  
He mais governar filhos, que vassallos.

## E P O D. II.

Hum na carreira em vivo fogo ardente  
 Queima a Lybica gente,  
 E a outra mal lhe deixa o ver o dia:  
 Porém outro não queima, e allumia.

## S T R. III.

Não he fogo de Jupiter Tonante,  
 De nuvem sacodido,  
 Que fazendo estampido  
 Entre as carrancas do ar mais temerosas  
 Com vibrações, e vozes espantosas  
 Atroa, aterra, affusta  
 A gente mais perversa, e a mais justa.

## A N T I S T. III.

Hum Astro benigno he que dominando,  
 Não ha nuvem que passe,  
 Não ha Ceo que ameasse  
 Sufo de vento, ou chuva, ou tempestade:  
 E só se ouve na mór serenidade  
 Repetir Eco os vivas,  
 E as Musas atirar settas Argivas.

## E P O D. III.

Os antigos Romanos se viessem;  
 E se augurar quizessem,

Coufas certas seguros nos dirião,  
Porque as luzes serenas estarião.

STR. IV.

Té o Téjo, que de ir não se fartava  
A ver a Estatua Equestre,  
Que o Lusitano Mestre  
Fundio d' huma nova arte, não querendo  
Hoje correr, quieto está dizendo:  
Tagides, reparaí,  
Que inda a Filha será maior que o Pai.

ANTIST. IV.

Já do filho de Tetis, e do Xanto  
Terror o augurárão,  
Os que d'elle fallárão  
Inda antes de nascido; o Téjo, quando  
As virtudes hum sceptro fabricando,  
O forão dar áquella,  
Que era a mais justa, a mais benigna, e bella.

EPOD. IV.

Seu augurio feliz será cumprido;  
Porque quando he temido  
D'Opis o filho, e se ama a Piedade,  
Tudo vai bem, tudo he Felicidade.

## STR. V.

De Lisboa de novo edificada  
 Com Dedaleo cuidado  
 Foi o Téjo escutado:  
 E chamarão então os Lusitanos  
 Pelo velho Dirceo, que nos Arcanos  
 Futuros claro via,  
 Quanto a Ulyffes astuto promettia.

## ANTIST. V.

E depois huma voz foou, que disse:  
 Se acclarando o bom fado  
 De Alcmane o Pai honrado,  
 De huma vez resumindo os seus louvores,  
 Disse que os filhos são como os maiores:  
 Eu com razão mais forte  
 Digo que a Esposa he bem como o Conforte.

## EPOD. V.

Affim o véo rasgando do futuro,  
 Que vereis vos seguro  
 Os dias de Saturno, o seculo antigo,  
 Da Mansidão, e da Virtude amigo.

## STR. VI.

Desde os Austraes aos Hiperboreos Reinos  
 Irá cheia de gloria

Vossa famosa historia ;  
E ficará na fama perduravel  
Da nova Augusta o nome respeitavel,  
E seus projectos raros,  
Melhor que em bronze, ou marmore de Páros.

ANTIST. VI.

Tudo conhecerêis pelas formosas  
Colheitas de pezadas  
Espigas fazonadas :  
E só se voltará a foice em lança  
Se Afréa vos mostrar tórta a balança,  
Ou se imigo tyranno  
Abrir as portas ao bifronte Jano.

EPOD. VI.

Tal abalo palavras taes fizeram  
Nos Lusos, que disserão :  
Somos c'o braço Herculeo poderosos,  
Para vencer Leões Nemeos raivosos.

STR. VII.

Applacai o furor, a voz lhe torna,  
Neste dia amoroso,  
E já que piedoso  
O Ceo boa Rainha vos segura,  
Vós a louvai, croai-a de mistura

Co' as Graças, e os Amores  
De Dirceos Versos d' Eolicos Cantores.

ANTIST. VII.

Disse; e eu vendo então que a Musa minha  
Stava pasmada, e muda,  
Não quiz que a fruta ruda  
Estorvasse c' o canto rouco, e frio  
Tantos Cisnes, que sobre o patrio rio  
Já attrahindo hião  
As féras, e os montes, que os ouvião.

EPOD. VII.

Levem embora effes clarins do Pindo  
Tudo o que os for ouvindo,  
Do Throno qualquer delles affugente  
A Cloto, e as Irmans eternamente.

F I M.

*Acha-se na loge de João Baptista Reycond  
Mercador de livros ao Calbariz, e tambem  
outras Obras a este Assumpto.*